

revistaensinosuperior.com.br

# ensino superior

ANO 23 • 2022 • Nº 268 • R\$ 25.00



## Autoavaliação

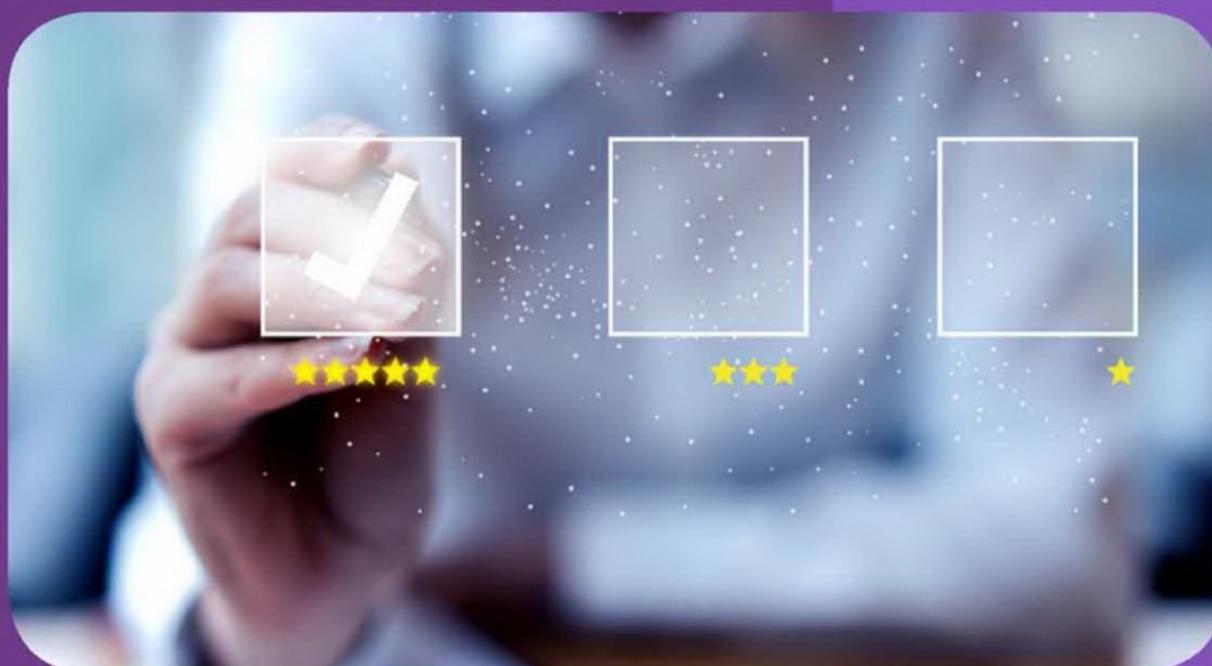
É possível, mas autocrítica é fundamental

## Curso técnico

MEC abre nova área e IES podem diversificar

## Papel de vanguarda

Por que as universidades falam tanto sobre inovação



## Rankings

# IES participam de avaliações internacionais

Instituições buscam rankings internacionais para melhorar a gestão acadêmica. E o Brasil começa a aparecer em destaque com as universidades confessionais

Entrevista

*Rafael Lucchesi* 4ª revolução valoriza cooperação, criatividade e interpretação de dados

## Entrevista *Rafael Lucchesi*

# Brasil pode perder a 4ª Revolução Industrial

**A**té 2025 a indústria criará cerca de 500 mil novos postos de trabalho, e quase 10 milhões de profissionais do setor precisarão se requalificar para ocupar vagas em atividades mais complexas e sofisticadas, segundo o Mapa do Trabalho Industrial 2022-2025, lançado pelo Observatório Nacional da Indústria.

Rafael Lucchesi, diretor de Educação e Tecnologia da CNI (Confederação Nacional da Indústria), diretor-geral do Senai e diretor-superintendente do Sesi, mostra-se preocupado com a possibilidade de o Brasil perder a 4ª Revolução Industrial porque ainda não entendeu que educação, ciência e tecnologia precisam estar no centro das discussões. Economista formado pela Universidade Federal da Bahia (UFBA), é também integrante do Conselho Nacional de Educação (CNE). Dirige o maior complexo educacional do ensino técnico do mundo, com cerca de 2,3 milhões de matrículas.

Entusiasta de uma reforma completa no ensino médio no Brasil, Lucchesi convive com queixas sobre a má formação da mão de obra no país. “A boa notícia é que o novo ensino médio, ao criar os itinerários formativos, abre uma janela de oportunidade ímpar para que o Brasil dê um salto de qualidade na formação de recursos humanos no país. Isso porque os itinerários formativos facilitam a integração entre o ensino médio e os cursos técnicos-profissionalizantes, com grande potencial de contribuir para a melhor preparação e inserção dos jovens no mundo do trabalho. Para a indústria, trata-se de debate da mais alta relevância”, diz.

Lucchesi costuma lembrar a composição profissional de uma indústria: 75% têm a qualificação técnica, que é regulada pelo hoje Ministério da Economia, 18% nível médio e 6% com nível superior. São cursos técnicos de 800 horas, em média, ou seja, mais do que pós-graduação, lembra. “Quem disse que a faculdade é relevante, a não ser para algumas profissões?”

Por telefone ele conversou com o jornalista Edimilson Cardial, da **Plataforma Ensino Superior**, sobre educação técnica. Abaixo os principais trechos:



### Como avalia a educação brasileira?

O Brasil tem um grave problema da matriz educacional. Então, precisamos pensar em vários caminhos para reverter isso. Em educação, os resultados e as transformações são sempre geracionais. Temos um perfil ainda muito distante do que estabelece o PNE (Programa Nacional de Educação) e também do que estipulam os países desenvolvidos e os emergentes mais bem sucedidos. Existe no Brasil uma defasagem dos alunos de 15 a 17 anos que fazem a educação profissional junto com a regular. Se considerar a mudança dos processos industriais, a 4ª revolução industrial fortalece ainda mais a questão na qual todo o mundo está

envolvido, skilling e reskilling, que é a qualificação e requalificação. Existe hoje uma instituição reconhecida mundialmente que faz esse trabalho, o Senai. Mas ele não é a solução para o Brasil por causa de suas limitações.

### O ensino técnico é uma porta para a inclusão social?

Sem dúvida, e falo isso lembrando de pesquisa da FGV, da PUC-RJ, do Marcelo Neri, que demonstram isso. O Senai faz pesquisa com o egresso. Quando ele entra há critérios de renda para atender os mais carentes. O único problema é que, no Brasil, apenas 9% dos jovens de 15 a 17 anos cursam o técnico e o

**Rafael Lucchesi**  
*dirige a maior rede de ensino técnico do mundo*

## Entrevista

médio regular. Enquanto que nos países da OCDE a média é entre 40% e 50%. Por isso é importante que novas instituições também possam proporcionar mais oportunidades para o ensino técnico. Dados da Caged mostram que os formados pela escola técnica ganham 18% a mais ou 25% se tiverem uma formação Senai. 90% acreditam que a formação técnica fará diferença na vida.

### Como se dá o ensino no Senai?

A educação profissional é regulada pelo Conselho Nacional de Educação e pelos conselhos estaduais, são fiscalizadas, enfim, nos baseamos no catálogo nacional de ensino técnico. Mas nossa ênfase está no lado técnico e também nas questões socioemocionais. Que são importantes no âmbito da 4ª revolução industrial, quando exclui elementos de capatazia para entrar no campo da cooperação, criatividade, capacidade de interpretação de dados.

### Como o Senai é reconhecido?

Temos hoje 2,3 milhões de matrículas, somos o maior sistema de educação profissional do mundo, respeitado internacionalmente, por organizações e empresas. Estamos no mesmo nível dos alemães, sul-coreanos, suíços, japoneses. Nas competições internacionais ficamos na frente desses países. E 90% dos alunos do Senai

vêm da escola pública e com uma composição de renda média que é mais baixa do que a da escola pública.

### É possível fazer uma previsão da demanda futura da indústria?

Sim, basta dialogar com a indústria, o Senai tem um relacionamento de 80 anos com esse setor. É por isso que de 20 vagas que a indústria abre, 19 são ocupadas por formandos do Senai. Temos metodologia prospectiva que permite antecipar em 5 anos quais serão as áreas que mudarão, não trabalhamos com gargalo. Essa nossa metodologia prospectiva é reconhecida pela Unesco e usada por 25 países. Sabemos o que o setor de alimentos, construção civil, petroquímica e outros vão demandar. Isso não é barato, deve ser bancado pelos governos. Acho difícil a iniciativa privada levar a cabo essa missão como negócio.

### Como se dá o relacionamento com os diversos setores da economia?

Temos problema de capital humano no país. O ensino técnico aponta correções, mas não são imediatos, o mundo tem pressa. São 10 anos para um ajuste. No período de crescimento da economia, formandos da construção civil eram capturados por empresas de outras áreas. Fizemos uma pesquisa e constatamos que a pessoa que se formava como pedreiro preferia trabalhar no shopping como segurança. A explicação foi que as empresas preferiam pessoas formadas pelo Senai porque a rotatividade era baixa, vinham com firmeza para o trabalho. Esses profissionais preferiam outra atividade à de pedreiro. A comunidade onde moravam não valorizava seu ofício, porque construção civil estava associada, nessa percepção, a obras clandestinas. Fomos ao setor da construção civil, explicamos que não podíamos fazer nada e a eles só restava aumentar o salário para atrair trabalhadores.

“De 20 vagas que a indústria abre, 19 são ocupadas por formandos do Senai.”